

RUA QUINTINO BOCAIUVA

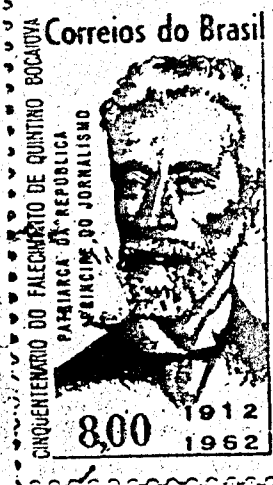


FILATELIA

MOYSÉS GARABOSKY

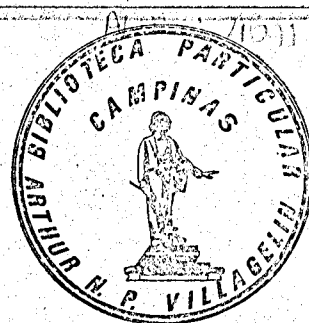
Quintino Bocaiúva, o "Príncipe do Jornalismo"

QUINTINO BOCAIUVA que foi considerado o "Patriarca da República" e o "Príncipe do Jornalismo", nasceu a 4 de dezembro de 1836, em Itaguaí, Estado do Rio de Janeiro. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, a 11 de julho de 1912. Começou a sua vida pública trabalhando como tipógrafo e revisor. Concluiu seus estudos superiores na Faculdade de Direito de São Paulo. Ainda estudante, fundou com Ferreira Viana, o jornal "A Honra", onde iniciou a propaganda republicana. Destacam-se em sua vida as seguintes posições e cargos públicos: combate às instituições monárquicas, redação do Manifesto Republicano de 1870, Ministro das Relações Exteriores do Brasil República, Senador e Governador do Estado do Rio de Janeiro, de 1901 a 1903. Como escritor e tradutor, são suas as peças teatrais: "Orfália", "Trovador", "Os Mineiros da Desgraça" e "A Família". Colaborou nos jornais e revistas "República", "Globo", "Cruzeiro" e "O País". O selo que reproduzimos foi emitido em 1962, quando a ECT comemorou o cinquentenário da morte do ilustre brasileiro.



(Da secção "Filatelia", do jornal "Folha da Tarde", de São Paulo, de 14-setembro-1981).

(Ato nº 25 de 29 de junho de 1931)



Quintino Bocaiúva (1836-1912)

Nasceu no Rio de Janeiro no dia 4 de dezembro de 1836, Quintino Antônio Ferreira de Sousa.

Tendo ficado órfão muito novo, passou a viver com seu tio Pedro Moreno Dalargon, com o qual ficou até a idade de 14 anos.

Em 1850 veio para São Paulo, pois precisava trabalhar para viver. Como só contava com os preparos primários não podia pretender muita coisa em matéria de emprego e fez-se aprendiz de tipógrafo e logo chegou a revisor.

Seu sonho era fazer o curso de Direito e para isso fazia as maiores economias; conseguiu matricular-se no Curso Anexo da Faculdade, em 1851, onde participou como colaborador efficientíssimo no jornal acadêmico "O Acaíaba".

Naquele ambiente acadêmico embevecido de forte sentimento nacionalista, trocou por Bocaiúva, os nomes portugueses Antônio Ferreira de Sousa.

Na folha "A Hora", juntamente com Ferreira Viana, teve uma atuação inigualável, conseguindo, com seus artigos cheios de inteligência e vivacidade, projetar-se no seio acadêmico.

Não conseguiu, entretanto, diplomar-se pois a falta de recursos lhe impossibilitava a continuação dos estudos.

Retornando ao Rio de Janeiro em 1854, dedicou-se à imprensa e à literatura, escrevendo no "Diário do Rio de Janeiro" e no "Correio Mercantil", além

de compor e traduzir ensaios críticos, estudos literários, esboços literários e peças para o teatro. Foi fundador do "Globo" e do "País".

Na política, Quintino Bocaiúva era liberal e democrático de coração. Quando, em 1870, houve a separação do partido liberal, juntamente com Salcãha Marinho, criou o partido republicano e à frente deste partido revelou o maior tirocínio e patriotismo. Foi o redator do manifesto de 3 de dezembro de 1870.

Liberal como era, teve destacada atuação na campanha em prol da República,

escrevendo artigos que calavam em cheio e convenciam da necessidade da mudança da forma de governo.

Os seus artigos eram cada vez mais veementes e inflamados e fizeram-no aproximar-se de Benjamim Constant e de Deodoro da Fonseca, com os quais tramou todos os planos da revolução.

Foi membro destacado da conspiração que depôs o último gabinete do Império.

Proclamada a República, assumiu, no governo provisório por insistência de Benjamim Constant, a pasta das Relações Exteriores e, interinamente, a da Agricultura.

Em 1890 seguiu em missão especial à Argentina, mas não foi bem sucedido na tentativa de resolver a Questão das Missões.

Extinto o governo provisório, voltou a dirigir o jornal "O País", procurando com seus artigos fortalecer a República.

Eleito senador à Constituinte pelo Estado do Rio de Janeiro em 1890, renunciou ao cargo logo após a votação da Constituição de 24 de fevereiro. Reeleito em 1892, exerceu as funções de senador até 1899. Pouco depois era escolhido governador do Estado do Rio de Janeiro. Ao deixar o governo não quis consentir na indicação do seu nome para o Senado e retirou-se à vida particular por muitos anos. Foi porém, novamente eleito senador pelo Estado do Rio, cargo que exerceu até a sua morte ocorrida a 11 de julho de 1912.

Quintino Bocaiúva morreu pobre e foi sepultado no cemitério de Jacarepaguá, em Niterói, sendo seus funerais custeados pelos cofres públicos.

Sua atividade literária foi intensa, deixando grande número de artigos, conferências, discursos sobre a abolição da escravidão e a República, todos publicados em jornais da época. Dentre as suas obras publicadas em livro citam-se: "Mineiros da Desgraça", "Domínio Azul", "Onfália", "Trovador" e outras.

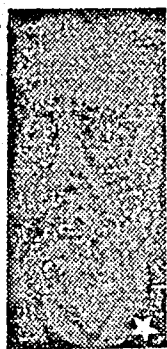
Não devemos nos esquecer de Quintino Bocaiúva, este patriota notável, que trocou o próprio nome para ser mais brasileiro, republicano ferrenho, jornalista culto e sobretudo homem honrado e simples.

(Extraído de fls. 188 e 189 do livro "Biografias de Personalidades Célebres" de autoria da Profa. Carolina Rennó Ribeiro de Oliveira, 14a. edição, editado por Livros Irradiantes S.A., 1978, S.P.)



Quintino Bocaiuva

No dia 4 de dezembro de 1836 nascia no Rio de Janeiro, onde faleceu a 11 de julho de 1912, Quintino Ferreira de Sousa (mais tarde Quintino Bocaiuva), filho de Quintino Ferreira de Sousa, natural da Bahia e de da. Maria Candelaria de Moreno, de nacionalidade argentina. Orfão em tenra idade, vem para São Paulo, a fim de matricular-se no Curso Anexo da Faculdade de Direito. Colabora então no "Acaia-ba" e com Ferreira Viana, funda o jornal "A Honra", francamente republicano. Adota nessa época o nome de Bocaiuva, com o qual se tornará famoso. Por motivo de saúde, regressa à Corte e escreve seus artigos (1852) no "Diário do Rio de Janeiro", de Saldanha Marinho, assim como no "Correio Mercantil". Durante a guerra do Paraguai, faz uma viagem ao Prata. Em 1870, com Saldanha Marinho e outros, funda o Partido Republicano, cujo órgão, "A Republica", insere no primeiro numero o Manifesto que servirá de base a toda a campanha antimonárquica. Quatro anos depois, tendo sido empasteladas as oficinas de "A Republica", lança "O Globo". Em 1885, passa a dirigir "O País", que Rui Barbosa fundara pouco antes. É a fase em que o jornalista firma definitivamente seu prestígio, denunciando a caducidade da monarquia e esclarecendo a opinião pública a respeito dos fundamentos ideológicos do futuro regime. Proclamada a Republica, ocupa a pasta das Relações Exteriores. Vai ao Prata em 1890 e firma o Tratado das Missões, o que lhe causaria grandes desgostos, em virtude da acusação de que prejudicara os interesses do Brasil. A retidão de sua conduta é, entretanto, reconhecida pelo Congresso, que lhe faz uma recepção entusiástica. Deixando o governo provisório, vai para o Senado, como representante do Estado do Rio, ao mesmo tempo em que colabora em "O País". Com o golpe de Estado de Deodoro, em 1891, é preso como conspirador e renuncia. Novamente eleito em 1892, volta ao Senado e ali permanece até 1899. Ainda reeleito senador, deixa de tomar posse para exercer a presidência do Estado do Rio. Mais uma vez levado ao Senado, em 1909, torna-se, em seguida, vice-presidente dessa casa do Congresso. Em 1910, assume a presidência do Partido Republicano Conservador e enfrenta Rui Barbosa durante a campanha civilista. Publicou: "O Trovador", "Um Pobre Louco", "O Bandoeiro", "Claudio Manuel", "O Dominó Azul", "A Dama do Véu" (teatro); "A Lirica Nacional" (coleção de poesias de varios autores); "Sofismas Constitucionais", "A Opinião e a Coroa", "A Comedia Constitucional", "Os Nossos Homens" etc.





ANEXO 4097.4

Vista, começa na rua Carlos de Campos; — “Rua Quintino Bocayuva”, a rua actual 29 do Jardim Chapadão, que vem da estrada de rodagem até a Praça; — “Rua Dr. Brazilio Gomes”, a rua travessa, da Bica, entre a Avenida da Saudade e a Estrada de Ferro Paulista; — “Rua Dr. Angelo Simões”, a rua que são da Avenida Saudade e vai á Estrada de Ferro Paulista, (conhecida por Travessa da Abolição); — “Rua Dr. Melchert”, a rua Travessa da Buarque de Macedo entre Carolina Florenço e a Estrada de Ferro Sorocabana; — “Rua Guedes Barreto”, a travessa que que vai da Avenida da Saudade á Estrada de Ferro; — “Rua Salles Leme”, a 2.ª rua, a partir da Avenida da Saudade que atravessa a Avenida Dr. Betim na Villa Marietta; — “Rua Dr. Lopes Trovão”, a penultima travessa da rua Paula Bueno no Taquaral; — “Rua Dr. Octavio Machado”, a ultima rua, travessa da Paula Bueno, no Taquaral; — “Rua Coronel Moraes”, a 2.ª rua paralela á Fumilense e Buarque de Macedo, no Guanabara; — “Rua José do Patrocinio”, a rua marginal á Fumilense, no Guanabara, paralela á Col. Moraes; — “Rua B. Anna Euphrosina”, a rua 1.ª paralela á 1.ª de Março, no Guanabara, entre Buarque de Macedo e Fumilense; — “Rua Dr. Buarque de Macedo”, a rua conhecida já com esse nome, no Guanabara, entre Carolina Florenço e Raphael Sampião; — “Rua MacHardy”, a rua n.º 2 do arruamento Piccolotto; — “Rua Elias de Souza”, a rua paralela á Salles Oliveira, no centro do cruzamento das ruas Antonio Bento e Carlos de Campos; — “Rua General Bento Fieido”, a rua situada entre a Avenida do Paraná e a Estrada de Ferro Paulista — penultima transversal; — “Travessa Maria Monteiro”, a travessa paralela á rua Americo Brasilense.

Artigo 2.º — Revogam-se as disposições em contrario. Mandio, portanto, a todas as autoridades, a quem o cumprimento e execução do presente acto competir, que o cumpram e cumpram cumprir, tão inteiramente como nelle se contém.

Campinas, 29 de Junho de 1931.
 Orosimbo Maia, O Secretário,
 Publicado na Secretaria da Prefeitura em 29 de Junho de 1931.
 Amílcar Alves, de

LEI Nº 23

(Denominação de ruas)

Orosimbo Maia, Prefeito Municipal de Campinas, resolve :
 Artigo 1.º — As vias publicas abaixo mencionadas ficam d'ora-avante, assim denominadas :

“Rua Dr. Betim”, a rua que vai da Avenida da Saudade, perto do antigo Hospital de Isolamento, á estrada de São Paulo, na Villa Marietta; — “Rua Antonio Lapa”, a 1.ª paralela á Rua Dr. Emilio Ribas, no Cambuhy, vulgarmente chamada rua Eze Esperança; — “Rua Azarias de Mello”, a 1.ª rua paralela á rua Paula Breno, no alto do Taquaral; — “Rua Barão de Pirapitinguy”, a rua que fica paralela á Antonio Bento (actual n.º 4) Chacara Lulú de Pontes, entre Bueno de Miranda e Salles Oliveira; — “Rua Dr. Silva Mendes”, a rua n.º 5, 2.ª paralela á Antonio Bento, entre as ruas Bueno de Miranda e Salles Oliveira; — “Rua Barão de Ibiungui”, a rua 8 da Villa Industrial, paralela á Antonio Alvaro, entre esta e a rua Salles Oliveira; — Rua Jorge Miranda”, a rua conhecida com a denominação de Avenida do Saneamento que vai da rua Marechal Deodoro á rua Paula Bueno; — “Rua Sampinho”, a rua hoje denominada Travessa Sampinho, na Villa Póvoa (Cambuhy) paralela á Parrelo Leme; — “Rua Americo Brasilense”, a rua n.º 1 da Villa Almeida; — “Rua Dr. Delphino Cintra”, a rua que fica entre José Paulino e Hercules Florenço; — “Rua Falcão Filho”, a que vai da rua Marechal Deodoro a Hercules Florenço; — “Rua Barata Ribeiro”, a que da Av. D. Libânia vai á Rapura — 1.ª paralela á rua do Sacramento; — “Rua Dioginho”, a rua entre as ruas Barão de Ataliba e Carlos Guimarães, no Bairro do Cambuhy; — “Rua Oswaldo Cruz”, a rua 2.ª paralela á Baroneza Gerardo de Rezende — da rua Carolina Florenço á Paula Bueno; — “Rua Padre Almeida”, a rua 2.ª paralela á Maria Monteiro, na Villa Almeida; — “Rua Souza Lima”, a 3.ª paralela á Maria Monteiro, na Villa Almeida; — “Rua Dr. Rodrigues Alves”, a rua paralela á Estrada de Ferro Mogyana — Começa na rua Salustiano Penteado, no Jardim Paulista; — “Rua Julio Frank”, a rua que começa no cruzamento da rua José Paulino com a Avenida do Saneamento e vai terminar no antigo leito da Fumilense; — “Rua Roque de Marco”, a rua Bom Retiro, na Peiza